

## *Corpos que geram dinheiro (At 16, 16-22)*

### *Bodies that generate money (Acts 16, 16-22)*

#### **Resumo**

At 16, 16-20 apresenta uma jovem escrava que rendia muito dinheiro aos seus donos com seu dom especial de adivinhação. Mas, este dom lhe foi retirado por Paulo, incomodado com os gritos da moça que o seguia e que revelavam sua identidade religiosa. O artigo recolhe, também, a história de Linda que expressa situações perigosas, degradantes e desesperadoras vividas por jovens traficadas. A memória da exploração dos corpos sujeitos à escravidão sexual em nossa sociedade globalizada ilumina a interpretação do texto de Atos 16. São relatos que inquietam, porque abrem os sentidos para perceber situações de escravidão, dor e desespero gerados pelas máfias do tráfico de pessoas, no perverso império do dinheiro em que vivemos.

**Palavras-chave:** Escrava; dinheiro; dom especial; desespero; degradação.

#### **Abstract**

Acts 16, 16-20 presents a young slave girl who gave a lot of money to her owners with her special gift of riddling. But this gift was withdrawn by Paulo, uncomfortable with the follow-up of the girl and with her screams, which revealed her identity. The article also presents the story of Linda who manifests the dangerous, degrading, and desperate situations experienced by trafficked youth. The memory of the exploitation of the bodies subject to sexual slavery in our globalized society illuminates the interpretation of the text of Acts 16. They are stories that disturb, because they open the senses for the situations of slavery, pain and despair generated by the mafias of the Trafficking in Persons, in the perverse empire of the money in which we live.

**Key words:** Slave; money; special gift; despair; degradation.

## **Introdução**

Surpresa e dor invadiram-me quando, há alguns anos, encontrei uma jovem brasileira chorando intensamente, em Madri. As pessoas que a socorreram não conseguiam entender o que ela dizia, porque chorava e falava ao mesmo tempo. Além disso, ela não dava muitas informações sobre o motivo

<sup>1</sup> Mercedes Lopes, MJC, é mestra e doutora em Ciências da Religião pela UMEESP, licenciada em Teologia e Bíblia pelo SBL de Costa Rica; diplomada em espiritualidade pela Pontificia Universidad de Comillas de Madri, assessora do Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos (CEBI) e de numerosas comunidades eclesiais de base (Endereço eletrônico: mercedeslopes302@gmail.com).

do seu desespero, porque tinha medo de ser identificada e morta. Um policial que a viu chorando desesperadamente procurou acalmá-la e a levou até uma instituição que trabalhava com mulheres migrantes e desempregadas. Seu nome era Linda e, antes de viajar para Madri, trabalhava como vendedora em um shopping no Brasil.

Com seus cabelos longos e dourados, em contraste com sua pele morena e seus olhos claros, Linda era realmente muito bonita e atraente. Na época em que trabalhava nessa loja no Brasil, sua beleza e simplicidade atraíram um homem amável e elegante que falava um português com sotaque estrangeiro.

Durante alguns dias esse homem passou pela loja onde Linda trabalhava, comprando sempre um presentinho para amigas e amigos. Os dois conversavam enquanto ela empacotava com detalhes de atenção os presentinhos que ele comprava. O assunto da conversa girava em torno das dificuldades que Linda enfrentava para sobreviver, trabalhando até às 10 horas da noite e recebendo um salário muito baixo. Ele comentava que, em seu país, a vida era prazerosa e confortável, com bom salário e comida deliciosa. Sorrindo, a jovem ia atender a outros clientes. “Como é interessante e amável este cavalheiro”, pensava.

Através das conversas, o homem de boa aparência descobriu que a jovem Linda tinha o sonho de comprar uma casinha para sua mãe, que vivia sozinha com seu filho especial. Então, para realizar este e outros sonhos, ofereceu-lhe um emprego de garçonne em um bom restaurante de Madri. Lá, ela ganharia sete vezes mais do que no Brasil e teria todas as despesas pessoais garantidas. Linda se entusiasmou com a proposta e aquele cavalheiro prontamente ofereceu-se para ajudá-la com o passaporte e a passagem. Seu interesse era somente compartilhar com ela todo o conforto que tinha em seu país de origem, dizia. E a moça bonita e jovem só despertou dessa ilusão quando o homem, que era amável, exigiu que ela entregasse sua passagem da volta ao Brasil e o seu passaporte logo que eles iniciaram o voo. Linda começou a desconfiar, mas ficou amedrontada com as ameaças daquele cavalheiro que antes era tão cordial e solícito. Ansiosa e preocupada, fingiu que dormia.

Quando chegaram a Madri, um carro os esperava no aeroporto e saíram da cidade, seguindo por uma rodovia muito movimentada. Chegando ao local onde deveria morar e trabalhar, Linda viu logo que era um motel, que tinha um bar à beira de uma rodovia. Na parte interna do bar, havia uma escada que conduzia ao quartinho sem nenhum conforto, onde iria morar. Na noite seguinte, começou a trabalhar e a sentir na pele o que significava ser uma escrava do sexo, terrivelmente controlada e sadicamente maltratada. A dor, as ameaças e o medo a torturavam.

## **Por que arriscar-se em uma viagem tão perigosa?**

Diante da grande necessidade de sobreviver, de consumir ou de conquistar uma vida melhor para si mesma e para sua família, mulheres e homens arriscam-se em perigosas e fantásticas promessas que se tornam ameaçadoras ciladas. A condição de trabalho escravo é uma das consequências dessa aventura de viajar em busca de uma vida melhor em outro país, sem obter antes os dados concretos da proposta recebida.

A carência de motivações e a dificuldade para obter acesso ao estudo castram das crianças e jovens os sonhos de desenvolver seus talentos intelectuais e artísticos desde pequenos. Os estímulos das propagandas de cosméticos, salões de beleza e academias são direcionados ao cuidado com a aparência dos corpos. Na sociedade do consumo, as categorias de aparência, saúde e idade contribuem para uma classificação do valor da mercadoria humana a ser explorada e negociada.

Tendo o corpo dentro do padrão do mercado, o trabalho na área do comércio e das relações fica aberto, mas o salário é baixo e a exposição é muito grande. Outra dificuldade é a discriminação contra jovens que não estudam nem trabalham, difundidas pela mídia estimuladora do consumo. Tais jovens são chamados de “neném”<sup>2</sup>. Essa discriminação gera baixa autoestima e torna a juventude ainda mais frágil diante do sistema do dinheiro. A fragilidade diminui a autocrítica e, também, a capacidade de desencilhar-se das promessas fantasiosas das máfias que traficam gente.

Mas, a causa de não estudarem e não encontrarem trabalho também está relacionada às precárias condições de moradia que marginalizam mulheres e homens de raça negra ou indígena, no Brasil. A exclusão social deixa essas pessoas sem as referências básicas para resistir à exploração e dominação do sistema do mercado. Além disso, ficam sem a motivação ou apoio da família e da comunidade para lutar em conjunto e construir para si e para seu grupo humano uma vida com dignidade e direitos iguais.

Verifica-se que a maioria das mulheres e homens traficados procede de países pobres, aonde chega a ser perversa a desigualdade social. São jovens, crianças e adultos que continuam sendo traficados impunemente para gerar lucro e luxo às máfias do tráfico humano. Esta seria uma das razões que fizeram dos países do Hemisfério Sul aqueles que oferecem mais vítimas dispostas a arriscar-se em uma viagem totalmente paga por outra pessoa, sem nenhuma garantia. Mas, a exploração do trabalho escravo acontece também dentro dos países do Hemisfério Norte. Suspeitas de comercialização de corpos em países ricos aparecem em notícias e filmes, mas acabam sendo descartadas e logo silenciadas.

### **A jovem escrava tinha um dom especial (At 16,16-20)**

---

<sup>2</sup> Essa expressão “neném” que nem “estudam, nem trabalham”. São dependentes dos pais como bebê.

Quero deter-me um pouco mais na situação dos corpos submetidos à escravidão para gerar lucros aos seus patrões, como está expresso no título deste artigo. É para ampliar a visão desses corpos que escolho a jovem escrava de Filipos como uma luz para alumiar nossa reflexão. Ela possuía um dom comerciável que proporcionava grandes lucros aos seus donos. Foi exercendo seu dom de maneira livre, verdadeira e espontânea que ela o perdeu, sem explicação nenhuma:

Certo dia, quando estávamos indo para o lugar de oração, veio ao nosso encontro uma escrava que tinha o espírito de Python. Ela dava grandes lucros aos seus donos fazendo adivinhações. Esta moça começou a nos seguir e gritava, dizendo: “estes homens são servos do Deus Altíssimo e vos anunciam o caminho da salvação”. Isto se repetia por muitos dias. Então, Paulo, irritado, voltou-se e disse ao espírito: “ordeno-te em nome de Jesus Cristo a saíres dela”. E ele saiu na mesma hora. Vendo os senhores dela que haviam perdido a esperança do lucro deles, agarraram Paulo e Silas e os levaram para a praça perante as autoridades” (At 16,16-20).

### **Comentário sobre esse texto**

Observo, nesse texto, que a jovem escrava de Filipos tinha a liberdade de ir ao encontro dos missionários Paulo e Silas (16,16). A narrativa a coloca em movimento, andando livremente por toda parte e seguindo Paulo e Silas por muitos dias (16,18). Certamente, os dons que possuía esta jovem escrava possibilitavam que pudesse caminhar no espaço público com certa liberdade. Era em meio ao povo que a escrava exercia seus dons de adivinhação e recebia dinheiro suficiente para granjear a confiança de seus amos. Dessa maneira, a jovem passou a seguir Paulo e Silas, comunicando em alta voz a identidade deles: “Estes homens são servos do Deus Altíssimo, que anunciam a vocês o caminho da salvação” (16,17b). Seu insistente anúncio somente poderia contribuir para o testemunho da Boa Nova de Jesus Cristo que eles anunciavam.

### **O que houve, então?**

O fato de não serem os amos da escrava que a impediram de continuar seu seguimento e anúncio a partir dos seus dons especiais chama a minha atenção. Foi Paulo que expulsou dela o espírito de Python, impedindo-a de continuar seguindo-os e tornando-os mais conhecidos. E me pergunto: por que Paulo teria reagido dessa maneira? A palavra *diaponetheis*, em grego, pode ser traduzida por “ficar irritado ou perturbado”. Isto significaria que o seguimento da jovem escrava irritava ou perturbava Paulo com seus gritos, embora o conteúdo da sua profecia fosse correto. Então, o que estaria irritando e perturbando Paulo seriam realmente os gritos da escrava?

Vejo duas possibilidades de irritação ou perturbação de Paulo nesta narrativa. A primeira está diretamente relacionada ao tema deste artigo e trata-se de uma indignação diante do abuso e exploração de uma pessoa que possui dons. A escrava de Filipos tinha um dom de adivinhação e seus donos a escravizaram para se enriquecer. A jovem estava sendo explorada porque tinha um dom muito especial. Em consequência desse dom, seu corpo, seu ser inteiro tornou-se fonte de lucro para outros. Estaria Paulo indignado com a exploração da jovem escrava? Teria Paulo uma consciência social tão clara da condição do trabalho escravo em seu tempo?

Nos textos de Gálatas 3,27-28 e 1Coríntios 12,13, Paulo deixa claro o Projeto do Reino de Deus vivido e anunciado por Jesus, afirmando que na comunidade cristã não poderia haver distinção entre judeus e gregos, escravos e livres, homens e mulheres. A igualdade básica entre as pessoas que eram batizadas e seguiam “O Caminho” era uma característica fundamental do Movimento de Jesus e, posteriormente, do Movimento Paulino (Rm 10, 12). Há também uma proposta de igualdade, consideração e carinho entre escravos e livres na Carta de Paulo a Filemon. Nesse bilhete, escrito da prisão em Filipos entre os anos 54 e 56, temos uma proposta direta e radical de Paulo. Além de fazer um pedido a Filemon para que acolha Onésimo, seu escravo que havia fugido, sem impor-lhe os castigos próprios aos escravos evadidos que retornavam ao antigo dono naquela época, pede mais ainda. Pede que Filemon tenha uma relação de igualdade e irmandade com Onésimo e que o torne livre: “Receba-o não mais como escravo, mas, bem melhor do que escravo, como irmão amado” (Flm 14,16).

O discipulado de iguais é um sinal do Reino de Deus presente na história. A relação de igualdade amorosa das primeiras comunidades cristãs proclamava a justiça do Reino. A recomendação para a vivência da igualdade como uma característica do seguimento de Jesus pode ser encontrada também em algumas cartas Deuteropaulinas (Col 3,11; Ef 4,4-6). Um sinal de que esta característica do discipulado de iguais era muito importante e que continuava vigente.

No entanto, aquela jovem escrava sequer foi convidada para entrar na comunidade formada por Lídia “e os de sua casa”, onde Paulo e Silas foram acolhidos. Também não foi acolhida na peregrinação pela cidade de Filipos, quando seguia Paulo e Silas confirmando que eles eram servos do Deus Altíssimo e que anunciavam um caminho de salvação (At 16, 17). Mesmo assim, por dias seguidos, a jovem escrava que era explorada porque tinha um dom espiritual continuou a seguir Paulo e Silas por iniciativa própria. Ela sentiu-se atraída pela pregação de Paulo. Com seu dom, contribuía para o anúncio da Boa Nova. Por que esse tratamento de exclusão ou distanciamento da jovem escrava que seguia os missionários durante sua estadia em Filipos?

Que a religião seja usada para obtenção de lucros é algo que podemos encontrar também em nossos dias e isto nos causa grande indignação. Pre-

gações monoteístas, discriminadoras, excludentes e moralistas são usadas para dominar as consciências e ganhar dinheiro, oferecendo milagres. Mas, em Atos 16, 16-20, a exploração religiosa não era da escrava que possuía o espírito de Python. Ela exercia seu dom na espontaneidade. Sua religiosidade era natural. Prova disso é que, quando ela escuta a pregação de Paulo, passa a segui-lo admirada. Usa seu dom para comunicar a descoberta que faz da identidade mais profunda dos dois missionários e o sentido da sua missão: anunciar o caminho da salvação.

Seus amos permitiam que ela percorresse a cidade de Filipos seguindo Paulo e Silas e fazendo adivinhações, pois seus interesses estavam sendo atendidos pela jovem escrava. Certamente, vão recolhendo o dinheiro que resulta das suas respostas às pessoas que a consultam por onde passa. Mas, os donos dela ficam indignados, quando Paulo expulsa o espírito de Python que ela possuía. Nesse momento, ela se perde na trama da narrativa e os missionários são presos e espancados.

### **Uma crítica ao trabalho escravo?**

Poderia Paulo mudar a situação do trabalho escravo naquele ambiente de Filipos, indo contra seus amos, sem retirar o dom da jovem escrava? Sabemos que o sistema escravista era uma coluna importante de sustentação do império romano. “A sociedade greco-romana foi escravista em grande escala: a produção se baseava em uma força laboral não assalariada nem voluntária e sim forçada” (FOULKES, 1996, p. 47).

Além disso, os donos ou amos de escravos contavam com leis e instituições que os protegiam. Segundo Ivone Richter Reimer, no sistema escravista da época, “uma escrava com dons de adivinhação era uma propriedade de muito valor e devia ser bem cuidada por seus proprietários, para que pudesse continuar realizando a atividade lucrativa” (RICHTER REIMER, 2012, p.147). A reação dos magistrados e estrategos que açoitaram Paulo e Silas depois que o espírito de adivinhação da escrava foi retirado é uma expressão de como a lei protegia os donos de pessoas (16,19-24). A prisão e a tortura dos missionários demonstram de que lado estava a legislação.

Mas, vamos continuar buscando entender esta atitude de Paulo. Penso que, em sua vida de missionário itinerante, ele convivía com muitas pessoas escravizadas e sabia que “a situação estável dos escravos contrastava favoravelmente com a situação miserável de muitas pessoas livres que viviam de forma precária e marginal, encontrando emprego somente de forma casual” (FOULKES, 1996, p. 46). Apesar disso, ele retirou da jovem escrava o dom que lhe proporcionava essa liberdade. Agora, sem o espírito de Python, sua importância e valor se perdem. Ela desaparece da narrativa no mesmo momento em que deixa de ser lucrativa para seus donos, através da ação poderosa da palavra de Paulo. Sua importância e dignidade desa-

parecem, porque estavam asseguradas pelo seu valor de mercadoria que produzia dinheiro.

### **O que significava possuir o espírito Python?**

Então, por que Paulo ficou tão perturbado com o seguimento e a constante apresentação dele e de Silas pela jovem escrava? E me detenho em outra perspectiva para ler esta narrativa de At 16, 16-20. Quando observamos melhor as forças espirituais que a jovem possuía surge uma perspectiva para entender a perturbação de Paulo na relação com a jovem escrava de Filipos. Nas traduções e interpretações desse texto, o enfoque tem sido dado na origem demoníaca do espírito de Python. Porém, segundo Ivoni Richter Reimer, “não dá para equiparar tão facilmente aqueles ‘demônios’, dos quais se fala nos evangelhos, a este espírito de Python, que possuía a escrava. Aqueles causavam doença, distúrbios psíquicos e emocionais e, com isso, as pessoas possuídas passavam a ser marginalizadas pela sociedade. O espírito de Python não causava isto. Ele dotava pessoas, e principalmente as mulheres, do poder de fazer oráculos” (RICHTER REIMER, 1995, p. 91).

Para a cultura helenista, ter o espírito de Python significava ter a capacidade de comunicar-se com a Divindade e de ser uma intermediária entre as pessoas e as forças divinas. Pablo Richard, ao comentar At 16,1-20, esclarece que “a escrava não é possuída pelo demônio e o que diz aos missionários é teologicamente correto. Temos aqui um caso de confrontação entre o evangelho e a religião popular helenista. Para Lucas e para os cristãos de sua época, essa religião popular era demoníaca e utilizada como instrumento para obtenção de lucros” (RICHARD, 2001, p.137).

Encontramos muitos confrontos entre Paulo e profetas de religiões populares em Atos. Um confronto inicial entre um mago que era profeta. Seu nome era Bar-Jesus, isto é, Filho de Jesus, mas seu cognome era Elimas. Quando o procônsul de Chipre desejou que Paulo, Barnabé e João Marcos viessem anunciar a Palavra de Deus para ele, o mago se opôs e Paulo o tornou cego (At 13, 6-12). Com a mesma firmeza, Paulo e Barnabé rejeitam ser adorados como deuses em Icônio (At 14, 15-18). Ao esclarecer este equívoco, Paulo insiste no culto ao “Deus vivo”, uma expressão que tradicionalmente se opõe aos falsos deuses, com apelo à conversão (Gal 4, 8-9).

Podemos observar que o monoteísmo próprio da formação do judaísmo tardio está presente nos discursos que acabo de citar. Um monoteísmo que adquire novo significado, afastando-se da memória do Deus libertador do êxodo e da profecia, quando a Judeia foi transformada em província persa, entre os anos 450-400 a.C.” (DIETRICH, 2013, p.28). Na época do segundo templo, a pureza racial e ritual tornou-se um critério básico para pertencer ao povo de Deus (Lev 11-15). O monoteísmo e as leis de pureza justificavam e potencializavam um embate entre as primeiras comunidades cristãs e as religiões populares da Ásia Menor, Macedônia e Grécia. Uma



visão monoteísta e centralizadora de Deus, acentuada no período da reforma do judaísmo, gerou um forte preconceito contra os gentios e as religiões populares greco-romanas. Um preconceito que dificultava a acolhida de gentios nas comunidades cristãs.

Carlos Gil Arbiol comenta que “a aceitação da aliança por parte de Israel supunha o cumprimento de uma moral normativa e outra ritual. Ambas fomentaram uma imagem de Deus de santidade e pureza que gerou um sistema religioso excludente de pessoas permanentemente consideradas impuras ou profanas” (ARBIOL, 2018, p.38).

O próprio Paulo sofreu as consequências desta visão preconceituosa dos judeus cristãos contra os gentios evangelizados por ele e sua equipe. Por volta do ano 58, tendo organizado uma coleta solidária para ajudar aos judeus de Jerusalém, Paulo fez questão de levá-la pessoalmente, junto com uma equipe (Rom 5, 25-32). Ao chegar a Jerusalém, eles foram obrigados a purificar-se para poder entrar no templo (At 21, 24-26) e, depois de realizada a purificação, amotinaram-se contra ele (At 21, 30). Esta é uma demonstração da intolerância religiosa violenta que Paulo havia sofrido desde o início da sua missão junto aos gentios, pelos chefes das sinagogas da Tessalônica (At 13, 44-52) e de Corinto (At 18, 5-6). Um motivo de rejeição que aconteceu também em Roma (At 28, 22-27).

Cerca de trinta anos mais tarde, na época em que Lucas escreveu os Atos, estes conflitos entre as comunidades cristãs e as autoridades das sinagogas estavam ainda mais aguçados. Talvez seja esta a causa de Atos 16, 16-20 manifestar certo descuido ou desprezo preconceituoso contra a jovem que possuía o espírito de Python, confrontando-o com o poder de Paulo.

## **Religião e colonialismo**

Constata-se que esses confrontos com as religiões populares ficaram ainda mais aguçados a partir da aliança entre o cristianismo e o império romano, nos séculos seguintes. Depois dessa aliança, o cristianismo impôs à Europa uma religião monoteísta, que garantiu a unidade do Império, causando a destruição de templos e a demonização dos deuses dos povos antigos que a habitavam. Ao longo dos séculos, os reinos europeus fizeram o mesmo na África, América Latina e Caribe, onde o cristianismo foi imposto como religião oficial. Os preconceitos contra as religiões africanas e indígenas continuaram marginalizando e demonizando as religiões populares. No sistema de dominação e exploração do mercado, esses preconceitos geraram um discurso religioso que justifica a opressão e a exploração de corpos demonizados.



## No império do dinheiro, os corpos têm que gerar lucro

O império do dinheiro domina o mundo. A partir do século XIX e, sobretudo, atualmente a concentração das riquezas está representada por gigantescas empresas que dominam a maior parte do mercado mundial. Para gerar lucro e aumentar seu capital, essas empresas encontram estratégias para driblar as leis que controlam o comércio internacional.

Tudo gira em torno desse semideus que exige continuamente sacrifícios humanos, um deus mercado, cada vez mais globalizado, que tem isenção para explorar e destruir a terra e escravizar impunemente os seres humanos.

Nesse contexto, as máfias encontram meios de traficar pessoas como mercadorias muito rentáveis. Segundo estudos feitos pela OMT (Organização Mundial do Trabalho), o tráfico humano movimenta cerca de 32 bilhões de dólares por ano e 79% das suas vítimas são destinadas à prostituição. As crianças, em sua maioria, são designadas ao comércio de órgãos, mas também a exigentes e lucrativas adoções. Adultos são comercializados para diferentes tipos de trabalho escravo em minas, latifúndios, oficinas de costura etc. (IGNACIO, 2018).

Na assembleia da ONU de 2018 a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e a Fundação *Walk Free*, em parceria com a Organização Internacional para Migração (OIM), revelam a verdadeira escala da escravidão moderna em todo o mundo. Os dados lançados durante esta assembleia das Nações Unidas mostram que mais de 40 milhões de pessoas em todo o mundo foram vítimas da escravidão moderna em 2016. Além disso, a OIT lançou também uma nova estimativa de que cerca de 152 milhões de crianças entre cinco e 17 anos foram submetidas ao trabalho infantil no mesmo ano (OIT, 2017).

No entanto, enquanto os corpos humanos e o capital especulativo continuam voando o mundo todo para render maiores lucros, o ocidente fecha suas fronteiras para refugiados e migrantes dos países empobrecidos pelas guerras instigadas para garantir a extração de riquezas minerais, como o petróleo. Enquanto as aplicações financeiras rodam o mundo, extorquindo países pobres que oferecem juros altos, pessoas dos países explorados buscam a vida nos países onde o dinheiro se acumula e são impedidas de entrar neles, porque suas fronteiras estão protegidas contra migrantes. Milhares e milhares de pessoas morrem cada dia na travessia do Mar Mediterrâneo, ou no deserto que caracteriza a fronteira entre México e os EUA.

O que pretendo com este artigo é mostrar como os corpos humanos tornam-se mercadoria que rendem muito dinheiro no contexto atual de acumulação e concentração das riquezas. Nesse negócio, extremamente rentável, as máfias do tráfico de pessoas se especializam nas formas de atrair, raptar e esconder sua criminoso e valioso mercadoria. Uma amostra disso são os pacotes turísticos elaborados por hotéis de países pobres, que

proporcionam muito mais do que lindas paisagens e acomodações de luxo. Oferecem bonitos e atraentes corpos de moças e rapazes negros, brancos e mestiços. São mensagens subliminares que apresentam com arte esses rostos sorridentes e felizes, condição que só permanece até que descubram na pele que perderam a liberdade. Que já não são mais donos de si mesmos, mas escravos, no perverso império do dinheiro.

### **Linda foi traficada, vendida, abusada**

Linda é um desses rostos. Presa dentro de um motel recebeu roupas e adornos chamativos. Teve que sentar-se em uma mesa do bar para atrair consumidores de bebidas e de prazer sexual. Depois de atraídos, os clientes eram atendimentos em minúsculos quatinhos. No mesmo espaço, sem conforto e nem ventilação, Linda tinha que descansar um pouco, cansada de atender nove ou dez homens por noite.

Ela quis fugir desde o primeiro dia em que entrou naquele lugar, mas não sabia como fazer isso. Sentia pavor só em pensar que seus “donos” poderiam desconfiar que ela pensava em escapar. As ameaças do homem que a enganou e a vendeu deixaram bem claro que os proprietários do estabelecimento onde ela iria ficar haviam ajustado uma quantia muito alta por ela e que, se a conta não fosse paga, ela seria morta. Esta sentença lhe foi dada logo que entraram no carro que a trouxe do aeroporto até o motel. O homem, que antes era amável, disse isso entre os dentes, apertando com força seu braço.

Por trás da história de Linda, podemos ver a situação de muitas mulheres traficadas, arrancadas dos seus ambientes de emprego ou desemprego, de pobreza, fragilidade e também seus desejos de uma vida melhor. Mulheres que são arrancadas de suas relações de afeto e bem querer e que acabam sendo jogadas na rua, desaparecidas pela segunda vez, quando envelhecem ou perdem seus dons de sedução. Muitas delas são assassinadas, depois de maltratadas e estupradas. Por que deixá-las viver, se não são mais lucrativas, se perderam sua “função”? A sociedade do dinheiro não valoriza os corpos, as pessoas. As máfias as utilizam e exploram, mas se livram delas quando se tornam inconvenientes.

### **Quanto vale agora o corpo de Linda?**

Síndrome do pânico e alcoolismo foram as consequências mais leves da violenta exploração sofrida por Linda. Então, ela sobreviveu? Sim, em poucos dias de cativeiro e de exploração sexual, a raiva e a dor deram força para ela planejar quando e como iria saltar do segundo andar do motel onde estava e fugir. Nos dias anteriores à sua fuga, Linda procurou olhar de uma janela do corredor, com muito cuidado, para ver qual a direção que deveria

tomar, se conseguisse pular as grades. Mesmo transtornada pelo medo, seguiu sua intuição.

Um exemplo de coragem, gerada pelo desespero. Acabo de saber de outra mulher que se salvou da escravidão do sexo, na Suíça, pulando do terceiro andar de um prédio. Linda realizou esta façanha em uma madrugada, quando faltavam três dias para terminar seu visto de turista. Primeiro pulou a janela e, depois, a grade que cercava o motel. Olhando para trás, viu que um homem corria para agarrá-la. Em meio à neblina de um dia que apenas começava, ela dirigiu-se correndo para o ponto de ônibus. Chorava desesperadamente e gritava em português do Brasil: “Vão me matar, vão me matar!”

Aos gritos, entrou no primeiro ônibus que passava. Todos os passageiros ficaram imóveis. Um policial sentou-se ao lado dela, em silêncio. Somente quando o ônibus já estava chegando a Madri, aquele policial olhou para ela e perguntou: “Para onde você quer ir?”. Desconfiada, a moça somente olhou para ele e não respondeu à pergunta. Ele foi falando baixinho e devagar, até conseguir saber que seu plano era ir até o Aeroporto Internacional de Barajas. Juntos, foram à empresa de aviação e, com o seu nome, sua passagem foi encontrada, mesmo com dificuldade de provar sua identidade. O retorno ao Brasil seria dentro de três dias.

Com o bilhete para voltar, Linda foi levada a uma entidade que acolhia mulheres da América Latina que ficavam desempregadas e sem referências, em Madri. Ao chegar ao espaço de acolhida, seu desespero aflorou novamente. Chorava e gritava, dizendo que alguém a estava seguindo. Tinha medo de ser localizada e morta.

Com muita ousadia e ajuda da entidade que a recebeu, Linda conseguiu voltar à sua cidade de origem. Ao chegar a sua terra, a rejeição da família, o desemprego e os preconceitos aumentaram ainda mais a sua fragilidade. Mas, foi encontrada por outra entidade feminina que trabalha com mulheres pobres em situação de prostituição. Acolhida, cuidada e acompanhada, a jovem sobreviveu escondida durante anos. Agora, um pouco mais serena, em processo de resgate da autoestima, ela se dedica a cuidar do irmão especial, em uma favela do Brasil.

E a jovem escrava de Filipos, o que aconteceu com ela depois de perder seu dom de adivinhação? Com essa pergunta, busco perceber a luz que o texto de Atos 16,16-20 nos oferece para escutar e responder ao grito das pessoas exploradas pelas máfias do tráfico de seres humanos.

Vejo que não basta organizar redes de prevenção, como algumas nacionais e internacionais, tanto religiosas como civis, que já existem. São grupos e entidades muito importantes. Mas, é preciso ir além e criar redes de acolhida e acompanhamento discreto e terno, cuidadoso e atento das pessoas traumatizadas por essas situações. Porque, não basta deixar de ser um corpo explorado. É preciso fazer o caminho de libertação e isso exige

a cura do coração e a reconquista da autoestima. Processo demorado, que necessita ser acompanhado.

## Referências

- A Bíblia de Jerusalém.** Sociedade Bíblica Católica Internacional, 9ª edição, revista, São Paulo: Paulus, 2000.
- ARBIOL, Carlos Gil. “La novedad de Pablo en el judaísmo de su tiempo: un debate que no se acaba”. In: AMARAL, Telmo José do e CATENASSI, Fabrizio Zandonadi (orgs.). **Paulo Contextos e leituras.** São Paulo: Paulinas, 2018.
- ARBIOL, Carlos Gil. **Paulo na origem do cristianismo.** São Paulo: Paulinas, 2018.
- DIETRICH, Luiz José. **Violências em nome de Deus** – Monoteísmos, Diversidades e Direitos Humanos. São Leopoldo: CEBI, 2013, Série PNV 311.
- FOULKES, Irene. **Problemas Pastorales en Corinto:** Comentario exegético pastoral a 1 Corintios. San José Costa Rica: DEI, 1996.
- IGNACIO, Julia. “Tráfico de pessoas: como é feito no Brasil e no mundo?”. **Politize**, 22 de março de 2018. Disponível em: <https://www.politize.com.br/trafico-de-pessoas-no-brasil-e-no-mundo> Acesso em: 23 de Jun. de 2019.
- MUNDO tem 40 milhões de pessoas na escravidão e 152 milhões de crianças no trabalho infantil. **OIT Notícias**, 18 de setembro de 2017. Disponível em [https://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS\\_575482/lang--pt/index.htm](https://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_575482/lang--pt/index.htm) Acesso em: 23 de Feb. de 2019.
- RICHARD, Pablo. **O movimento de Jesus depois da ressurreição:** Uma interpretação libertadora dos Atos dos Apóstolos. São Paulo: Paulinas, 2001.
- RICHTER REIMER, Ivone. **Vida de Mulheres na Sociedade e na Igreja.** São Paulo: Paulinas, 1995.
- RICHTER REIMER, Ivone. “Aspectos Geopolíticos y Socioculturales en Hechos 16”. **RIBLA**, n. 72, p. 135-150, 2012/2.